

Ritmos Urbanos e Dimensão humana da Paisagem: Uma leitura da Rua 13 de Junho a Partir do Caminhar

Tamires dos Santos Soares da Silva
Zuleika Alves de Arruda

SESSÃO TEMÁTICA ET2: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO
PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

RESUMO

Este artigo analisa como as transformações históricas e socioespaciais da Rua 13 de Junho, no centro de Cuiabá-MT, moldam os ritmos urbanos e influenciam a experiência do pedestre. O objetivo é compreender de que maneira as práticas cotidianas, os fluxos e as disputas pelo espaço produzem diferentes ritmos que afetam o caminhar. Para isso, foram adotados métodos qualitativos que combinam ritmanálise, autoetnografia e métodos móveis, permitindo observar o espaço tanto a partir do deslocamento quanto de paradas estratégicas ao longo do trecho situado entre as avenidas Getúlio Vargas e Generoso Ponce. As caminhadas realizadas em diferentes dias e horários revelaram tensões constantes entre pedestres, comércio e veículos, além de uma intensa sobreposição de estímulos sonoros, visuais e corporais. Os resultados mostram que a experiência de caminhar é profundamente condicionada pela configuração física da rua, pelas práticas de ocupação e pelos ritmos que se cruzam no cotidiano. Conclui-se que observar a rua a partir do movimento permite captar nuances que não emergem em análises distanciadas e reforça a importância do corpo como ferramenta de leitura do espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: ritmos urbanos; práticas espaciais; autoetnografia; Cuiabá.

ABSTRACT

This article analyzes how the historical and socio-spatial transformations of Rua 13 de Junho, located in the central area of Cuiabá, shape urban rhythms and influence pedestrian experience. The objective is to understand how everyday practices, flows, and spatial disputes produce different rhythms that affect walking. To do so, qualitative methods were adopted, combining rhythm analysis, autoethnography, and mobile methods, which made it possible to observe the street both while moving and from strategic pauses along the segment between Getúlio Vargas Avenue and Generoso Ponce Avenue. Field observations conducted on different days and times revealed constant tensions between pedestrians, commerce, and vehicles, as well as an intense overlap of sound, visual, and bodily stimuli. The results show that the walking experience is strongly conditioned by the physical configuration of the street, by occupation practices, and by the rhythms that intersect in everyday life. It is concluded that observing the street through movement allows for the perception of nuances that do not emerge in distant analyses and reinforces the importance of the body as an analytical tool for reading urban space.

KEYWORDS: urban rhythms; spatial practices; autoethnography; Cuiabá.

1 INTRODUÇÃO

Com 306 anos de história, Cuiabá nasceu às margens do córrego da Prainha, sob um contexto em que os primeiros núcleos urbanos se consolidaram durante o ciclo do ouro, no século XVIII. O traçado urbano inicial acompanhou as curvas naturais do curso d'água, refletindo as necessidades e as práticas daquele período. Mesmo com as sucessivas transformações, modernizações e expansões urbanas ao longo dos séculos, essa configuração original deixou marcas que ainda podem ser reconhecidas na estrutura urbana.

O núcleo inicial das primeiras ruas que deram origem a Cuiabá ainda preserva o seu traçado original. É dentro deste conjunto que se insere a Rua 13 de Junho, foco das observações desenvolvidas neste artigo. Antes conhecida como Rua Bela do Juiz, conforme descreve Mendonça (2012), essa via desempenhou papel essencial na articulação entre o sítio inicial da cidade e o antigo Porto Geral, funcionando como eixo de ligação que facilitava o fluxo de pessoas, cargas e mercadorias. Essa característica conectiva atribuiu a rua um valor histórico e simbólico que atravessa todos os períodos urbanos, permanecendo reconhecível em meio a sucessivas intervenções e mudanças espaciais que moldaram a configuração urbana. Atualmente, a Rua 13 de Junho constitui uma das vias de maior movimento da região central de Cuiabá. A forte concentração de comércio de diversos segmentos, faz com que a rua se torne um ponto de intenso fluxo cotidiano. Além da grande circulação de pedestres, a via também apresenta um trânsito frequentemente congestionado, resultado da sobreposição de usos e da alta demanda por deslocamentos.

Originalmente concebida em um período onde o deslocamento se dava majoritariamente a pé, as ruas foram planejadas para o ritmo humano. No entanto, a tentativa de adaptar a cidade às novas demandas da urbanização e consequentemente, ao fluxo de veículos motorizados, promoveu reorganizações que acabaram alterando de forma significativa a experiência de quem caminha. A presente configuração espacial possui calçadas estreitas, frequentemente ocupadas por camelôs e pela extensão das próprias lojas, que avançam sobre o passeio, reduzindo o espaço disponível e impactando diretamente a experiência de quem caminha.

Ao longo de toda a sua extensão (2,7 km), a 13 de Junho apresenta comportamentos e ritmos distintos. Tendo isso em vista, concentro-me especificamente no trecho localizado entre a Avenida Getúlio Vargas e a Avenida Generoso Ponce (figura 1), onde se estabelecem as características já mencionadas: sobreposição de usos, intensidade dos fluxos e diferentes formas de ocupação que moldam o cotidiano da rua. Diante desse cenário, surge a questão que orienta este artigo: de que maneira as transformações históricas e socioespaciais da Rua 13 de Junho moldam os ritmos urbanos e influenciam a experiência dos pedestres que atravessam esse território? Neste artigo, busco discutir como essas modificações moldaram o cotidiano da via em diferentes épocas, como elas se expressam nas práticas urbanas atuais e como essa lógica impacta o caminhar.

Buscamos nos apoiar em metodologias que nos auxiliassem a compreender não apenas as mudanças físicas e funcionais da rua, mas também as variações de ritmo e de experiência que emergem no ato de caminhar. A análise desenvolvida neste

trabalho parte de uma abordagem qualitativa que combina a ritmanálise (lefebvre, ano), procedimentos autoetnográficos (Paiva, 2023) e o método móvel (Buscher e Veloso, 2018), entendendo o deslocamento como parte constitutiva da investigação. Caminhar pelo trecho estudado permite observar como fluxos, tensões, usos e sensações corporais se manifestam no cotidiano, revelando elementos que só se tornam perceptíveis a partir do movimento e da presença no espaço.

Figura 1: Localização da Rua 13 de Junho, Centro Sul.



Fonte: base google maps, ilustrado pela autora

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As reflexões sobre as práticas espaciais revelam-se centrais quando o objetivo é compreender a produção do espaço no cotidiano. Alinhando as discussões deste artigo aos pensamentos Lefebvre (2006), conseguimos abordar o conceito de cotidiano para além de um conjunto de atividades diárias, considerando-o como um lugar de transformação, moldável, onde a vida acontece e as relações sociais podem ser transmutadas. as práticas espaciais (no que se refere a ações, rotinas e interações que são realizadas ao longo dos deslocamentos) atribuem sentido ao espaço vivido. É nesse conjunto de pequenas ações que se percebe como as pessoas não apenas utilizam a rua de forma funcional, mas a carregam de significados, produzindo vínculos, afetos e modos particulares de habitar.

Nesse sentido, Lefebvre (2006) reforça que é pela apropriação do espaço, e pela maneira como o corpo se relaciona com ele, que surgem as brechas para a transformação do cotidiano e das formas urbanas. Como afirma o autor, é nas práticas que se manifestam as possibilidades de mudança. Não há, portanto, como pensar o cotidiano sem o espaço, pois ambas as dimensões se constituem mutuamente. É justamente essa dimensão ordinária, o ritmo da vida comum que dá forma à cidade, através da construção social, material e simbólica da cidade. Essa percepção do “comum” como estruturador do urbano é fundamental para compreender o campo.



As dinâmicas de uso e apropriação da cidade emergem da relação entre o espaço físico e as práticas que nele acontecem. Essa relação envolve tanto os aspectos materiais do ambiente construído quanto às experiências subjetivas e os significados atribuídos pelos indivíduos ao seu meio. Nessa perspectiva, as práticas espaciais revelam como o cotidiano se estrutura a partir de ações repetidas, improvisações, permanências e adaptações, alinhando-se ao entendimento de Lefebvre (2006), para quem o cotidiano não é apenas rotina, mas um campo de possibilidades, negociações e transformações. É nesse contexto que as práticas ganham centralidade. Elas permitem observar como cada sujeito reorganiza o espaço a partir de sua própria experiência.

Certeau (1998) afirma que são as “maneiras de fazer” que dão forma ao cotidiano, produzindo deslocamentos, desvios, improvisos e apropriações que reconfiguram continuamente o espaço urbano. Para o autor, o espaço não é um objeto fixo ou passivo, mas um “lugar praticado”, isto é, transformado e reorganizado continuamente pelas ações e pelos trajetos dos indivíduos. Ao aprofundar essa reflexão, o autor diferencia as formas de apropriação do espaço urbano por meio dos conceitos de estratégia e tática. Certeau descreve estratégia como o “cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado” (Certeau, 1998, p.99), indicando que as estratégias correspondem às ações planejadas por instituições que detêm poderes de normatização do espaço.

Já a tática, é apresentada com a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio e por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha (Certeau, 1998, p.100). Diferentemente das estratégias, as táticas pertencem aos que não dispõem de um “lugar próprio” e precisam agir dentro do território controlado pelos estratégicos. Elas surgem a partir das brechas, das oportunidades e das negociações que ocorrem no cotidiano, que permite resistir, se adaptar ou ressignificar o espaço urbano. Desse modo, se deslocar, se abrigar, desviar de obstáculos, interagir, ocupar, resistir são ações que produzem formas de táticas espaciais. Essas ações revelam a criatividade dos indivíduos ao lidarem com as condições da rua, demonstrando como o espaço é continuamente apropriado e recriado a partir das experiências do dia a dia. As táticas são mutáveis e se reconfiguram conforme as condições do espaço.

Ao compreender que as práticas espaciais revelam como o cotidiano se estrutura a partir de ações repetidas, improvisações, permanências e adaptações, torna-se pertinente aprofundar essa leitura a partir da ritmanálise proposta por Lefebvre (2021). Se anteriormente o autor apresenta o cotidiano como campo de transformações e apropriações, os ritmos revelam como essas transformações se organizam no tempo através dos ritmos naturais, sociais e corporais que organizam, atravessam e tensionam o espaço. A ritmanálise, nesse sentido, constitui-se como uma forma de compreender o mundo através dos ritmos, investigando a interação entre tempo, movimento e espaço, e evidenciando como a repetição, a variação e a duração influenciam tanto a vida cotidiana quanto a configuração da cidade. Ao aproximar a ritmanálise e práticas espaciais, compreende-se que o cotidiano se materializa não apenas em ações, mas nos ritmos que as sustentam, ritmos contínuos ou interrompidos, acelerados ou lentos, harmônicos ou conflituosos. Essa abordagem amplia o olhar sobre o campo, permitindo perceber nuances que só emergem no ritmo vivido.

3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para compreender as variações de ritmo e as práticas que emergem neste cenário, adotamos métodos qualitativos que permitem alcançar dimensões do cotidiano que muitas vezes, análises puramente físicas ou quantitativas não são capazes de reconhecer. Essa abordagem permite compreender o cotidiano em sua complexidade, registrando dimensões sensoriais, afetivas, simbólicas e corporais que surgem do encontro entre pessoas e espaço urbano, revelando experiências que só se tornam perceptíveis na interação direta com o ambiente.

As visitas em campo foram realizadas por meio de caminhadas sistemáticas e paradas de observação ao longo do recorte estudado, em diferentes dias e horários, de modo a captar tanto os fluxos mais evidentes quanto às variações sutis que se expressam nos sons e no comportamento corporal. As observações ocorreram entre 2024 e 2025, em dias úteis (pela manhã e à tarde), e finais de semana, a fim de identificar o contraste entre a dinâmica intensificada em dias comuns e o fluxo reduzido em dias de menor circulação. Também foram incluídas idas ao campo em períodos que antecedem datas comemorativas já prevendo a intensificação significativa dos fluxos de um modo geral.

Diante desse entendimento, a metodologia articula três pilares que se complementam e nos auxiliam na apreensão desse espaço: a ritmanálise, a autoetnografia e os métodos móveis.

A ritmanálise conforme proposta por Henri Lefebvre (2021), é uma maneira de compreender os ritmos naturais e sociais a partir de uma visão filosófica, através de observações sobre as repetições e as variações que estruturam o cotidiano. Para o autor, não há ritmo sem repetição e é justamente na variação dentro de cada repetição que se produz a dinâmica dos ritmos. Aplicada ao contexto dessa pesquisa, essa perspectiva nos permite analisar os ritmos, sejam eles coletivos ou individuais (como o ritmo dos pedestres, dos veículos, das atividades comerciais, pausas, interrupções...), identificando momentos de euritmia e arritmia que se formam com os movimentos. Essa abordagem nos auxiliou em momentos de distanciamento do que se é observado, aquilo que Lefebvre denomina de “visto da janela” observar de fora mas não completamente. Essa postura foi adotada, por exemplo, ao sentar na praça para observar o movimento, ou ao olhar a rua a partir do segundo andar de uma loja, uma perspectiva que oferece outra camada de leitura dos ritmos (o olhar de fora).

O método móvel se apresenta como uma abordagem que propõe a estudar o movimento e a incorporar essa mobilidade como próprio processo de pesquisa. nas próprias palavras das autoras;

“os métodos de que tratamos aqui não são “móveis” apenas porque servem para coletar dados sobre o movimento; eles também são “móveis” porque nos ajudam a compreender as mobilidades em suas várias manifestações “ (Buscher e Veloso, 2018, p.2)

Ou seja, dispor-se a estar em movimento com a própria pesquisa é reconhecer que o movimento é o elemento intrínseco que reverbera a vida social. Essa crença se faz presente em todo o percurso da pesquisa, pois a abordagem metodológica construída para este trabalho envolve observar o movimento e se colocar em movimento junto com ele. em campo, isso significou acompanhar os fluxos, percorrer os trajetos que os



pedestres realizam, sentir o tempo do deslocamento e observar como o corpo responde às demandas e aos obstáculos do espaço.

O raciocínio do método móvel se conecta e complementa a autoetnografia, que por sua vez desloca o pesquisador da posição de observador neutro e o coloca dentro da cena que investiga. Se o método móvel já pressupõe caminhar com a pesquisa, a autoetnografia aprofunda esse gesto ao reconhecer que a experiência vivida pelo próprio pesquisador sendo o seu objeto de análise e interpretação. Aqui, o corpo se torna a principal ferramenta de investigação, que segundo Paiva (2023) “o corpo permite-nos obter várias informações sobre um lugar que de outro modo não acedemos” como as próprias emoções e sensações perante ao vivido. Essa dimensão corporal revelou aspectos do cotidiano que não apareceriam numa observação distante, permitindo compreender como a rua afeta, pressiona e molda a experiência de quem a atravessa.

As três metodologias adotadas se complementam e, juntas, deram sustentação aos objetivos da pesquisa em campo. Em vários momentos, a ritmanálise orientou um olhar mais distanciado, aquele “de fora”, que permitia perceber os padrões, as repetições e as variações do movimento urbano. Em outros instantes, a autoetnografia se impunha, porque eu estava submersa na experiência com o corpo totalmente envolvido nas sensações e nas tensões do espaço. E, ao mesmo tempo, o método móvel guiava tanto as observações feitas em deslocamento quanto aquelas realizadas em paradas estratégicas, permitindo alternar entre caminhar com o fluxo e observar a cena a partir de pontos fixos. Essa alternância (entre distância e imersão, entre movimento e pausa) foi fundamental para a compreensão da complexidade da Rua 13 de Junho.

Essa articulação permitiu construir uma investigação sensível aos movimentos, às percepções e às tensões que se manifestam no espaço, possibilitando compreender a Rua 13 de Junho não apenas como um traçado físico, mas como um território capaz de despertar diferentes sensações, afetos e comportamentos nos corpos que a atravessam, o espaço molda as pessoas e as pessoas também moldam o espaço. A partir desse conjunto metodológico, foi possível produzir interpretações mais profundas sobre os usos, ritmos e práticas urbanas, que serão discutidas na seção seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise da Rua 13 de Junho permitiu compreender como um mesmo traçado urbano pode concentrar ritmos distintos e camadas múltiplas de usos que são modificados ao longo dos anos de acordo com o contexto histórico. Conhecida anteriormente como Rua Bela do Juiz (Mendonça, 2012), a Rua 13 de Junho já experienciou diferentes configurações e ritmos ao longo de sua história. Antes da chegada dos transportes motorizados, seu cotidiano era marcado por um ritmo mais lento e compatível com o corpo humano (Muller e Rodrigues, 1994). Como via essencial que conectava o sítio urbano inicial de Cuiabá ao Porto Geral, ela sustentava deslocamentos realizados a pé ou por meio de animais, em uma escala espacial que favorecia a caminhabilidade e a convivência. As vias sem o atual congestionamento permitiam que os espaços públicos se integrassem às práticas cotidianas, criando ambientes propícios ao encontro, à permanência e à contemplação da paisagem.

Essa atmosfera urbana mais desacelerada começa a se transformar em 1891, com a inauguração do bondinho de tração animal que ligava a região do Porto ao centro da cidade, iniciando na Praça Luís de Albuquerque e terminando na Praça Conde de Azambuja (Mendonça, 2012). Embora ainda operasse em um ritmo consideravelmente tranquilo se comparado aos anos seguintes, o bondinho introduziu uma nova temporalidade ao deslocamento urbano, encurtando distâncias e incentivando a expansão do comércio local. O tempo, até então regido pela cadência dos passos e dos animais, começou a ser reorganizado pela lógica da circulação. (figuras 2)

Figuras 2: Fotografia de 1891 mostra o antigo bondinho



Fonte: Cuiabá: Imagens da Cidade / Editora Entrelinhas

A aceleração mais intensa, porém, acontece após 1918, quando o bondinho se torna obsoleto diante do crescimento acelerado da cidade e da chegada dos primeiros veículos motorizados. A presença crescente de automóveis inaugura outra fase da mobilidade urbana. O espaço, antes pensado para deslocamentos lentos e compatíveis com a escala humana, passa a ser adaptado para suportar a rapidez e as demandas impostas pelo capitalismo. A cidade se urbaniza sob uma lógica que privilegia o fluxo motorizado, e essa transição deixa marcas claras na configuração da Rua 13 de Junho.

É nesse cenário que se insere a rua atual: uma via onde as adaptações urbanas realizadas ao longo do século XX e início do XXI pouco dialogaram com as necessidades do pedestre. As calçadas estreitas, os desníveis, as ocupações irregulares e a sobreposição de usos tornam o caminhar um esforço contínuo de ajuste corporal.

O cotidiano específico do trecho analisado evidencia práticas que reforçam essa condição. Durante boa parte do tempo, antes da realocação feita pela atual gestão municipal, o pedestre disputava o espaço entre mercadorias de camelôs e mercadorias do comércio formal, que estendia sua loja para a calçada, comprimindo o espaço dos pedestres. Essa prática permanece e mesmo após a retirada dos

ambulantes, muitos lojistas seguem ocupando o passeio com araras de roupas, ventiladores e até geladeiras, reiterando a disputa pelo espaço. (figuras 3 e 4)

Figuras 3 e 4: Calçadas ocupadas pelo comércio



Fonte: Autora, 2024.

Essas condições configuram um cenário de sobreposição de fluxos; pedestres, veículos, vendedores, entregadores, sons, aromas, ruídos mecânicos e ritmos naturais que coexistem e se chocam em uma dinâmica intensa. Em diferentes momentos da pesquisa, foi necessário desviar para a rua, compartilhando espaço com os veículos, especialmente nos horários de maior movimento. Além do sentimento de insegurança, essas decisões corporais (acelerar o passo, parar, recuar, mudar de lado) evidenciam a todo instante como a experiência de caminhar é moldada tanto pela materialidade quanto pelas disputas que se instauram no espaço.

Em sua totalidade, o fluxo de pessoas e veículos é predominantemente intenso durante o horário comercial, superando aos sábados de manhã e em vésperas de feriados. Nestes dias, as calçadas que já são pequenas se tornam ainda mais estreitas, dificultando a circulação dos pedestres e forçando desvios que, muitas vezes, levam ao uso do leito das ruas. São muitas camadas que acontecem ao mesmo tempo capazes de aguçar todos os sentidos; os inúmeros sons de músicas,

propaganda em megafones, as buzinas dos carros, os vendedores ambulantes tentando chamar sua atenção; a sobreposição de cheiros vindo de barracas de frutas, lanchonetes, lojas têxteis; as inúmeras barreiras e obstáculos no caminho.

Cada deslocamento e percurso revela como o espaço urbano é múltiplo e o quanto o corpo é sensível a essas variações. O ato de caminhar revela uma cartografia produzida pelo nosso corpo e torna a ação maior do que somente se deslocar; é uma forma de narrar a cidade com os sentidos que estão expostos aos ritmos que envolvem o espaço. Essas variações se tornam mais evidentes ao observar o mesmo lugar e momentos diferentes. Observar esse mesmo trecho ao domingo revela também outra dinâmica: muito mais silenciosa, pacata e por vezes atravessada por um leve desconforto causado pelo vazio (figuras 5, 6 e 7).

Figuras 5, 6 e 7: Imagens do mesmo ponto da Rua 13 de Junho da esquerda para direita: calçadas com mercadorias e camelôs, calçadas após a realocação dos camelôs, calçadas aos domingos.



Fonte: Autora, 2024-2025.

A partir dos resultados observados, torna-se possível aproximar as dinâmicas da Rua 13 de Junho dos referenciais teóricos que orientam este trabalho. A experiência do caminhar evidencia aquilo que Lefebvre discute sobre o cotidiano enquanto campo atravessado por ritmos diversos (sejam eles harmoniosos ou profundamente desarranjados).

Quando nos dispomos a caminhar pela Rua 13 de Junho em um dia comum, especialmente no horário comercial, torna-se evidente que a rua é atravessada por uma multiplicidade de ritmos que convivem, se chocam e, por vezes, nos envolvem antes mesmo que possamos racionalizá-los. Ao se permitir vivenciar esse espaço enquanto transeunte, o corpo se vê em meio a uma série de movimentos simultâneos: o fluxo constante de pessoas caminhando em direções opostas; comerciantes chamando a atenção dos clientes através do megafone; caixas de som posicionadas na entrada das lojas tocando músicas distintas; o camelô que se instala na calçada; as lojas que avançam com seus eletrodomésticos para fora, estreitando a circulação e criando um congestionamento humano. Esses elementos, que se sobrepõem sem



cessar, compõem uma paisagem sonora, visual e corporal que não se revela totalmente em uma observação distante, é no ato de caminhar que esses ritmos se tornam perceptíveis. A ritmanálise permite compreender que o cotidiano urbano não é feito de um único ritmo dominante, mas da interação (nem sempre pacífica) entre ritmos sociais, econômicos, sonoros e corporais.

A leitura desses ritmos só se torna possível porque o corpo do pesquisador está implicado na experiência, ao se colocar como transeunte em seu objeto e vivenciar as práticas cotidianas, o próprio corpo passa a ser a sua ferramenta de apreensão do espaço, como proposto pela autoetnografia. Ela possibilita que as próprias percepções corporais (e pessoais) se tornem parte do processo analítico. As sensações do próprio corpo, seja por cansaço diante das caminhadas sem sombreamento, incômodo devido ao excesso de estímulo sonoro, irritação por não conseguir atravessar os obstáculos, passam a ser dados que revelam como a configuração e a dinâmica do espaço molda a experiência de quem o vivencia. Essa experiência autoetnográfica vem de encontro com os métodos móveis. Ao acompanhar o ritmo dos pedestres, percorrer os trajetos mais usuais, sentir a necessidade de mudar de lado, esperar uma brecha ou até dividir por alguns segundos o espaço com os carros, o corpo vai registrando aquilo que o olhar distante não alcança. Os métodos móveis assumem que a mobilidade não é apenas um objeto, mas uma forma de investigação. Assim, os deslocamentos contínuos, as pausas forçadas, a escolha de um trajeto em vez de outro, todas essas escolhas informam sobre como a rua funciona e como ela produz e condiciona determinados ritmos.

Combinar metodologias que se complementam, tem o potencial de alicerçar a pesquisa, permitindo captar dimensões que não apareceriam se cada método fosse utilizado isoladamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada mostrou que o espaço é constantemente tensionado pelas disputas entre pedestres, comércio e veículos. Realizar essas caminhadas revelou como fatores materiais, sonoros e comportamentais moldam diretamente a vivência do transeunte.

A partir dessas observações, tornou-se evidente que a articulação entre ritmanálise, autoetnografia e métodos móveis permitiu acessar dimensões da experiência urbana que não são captadas por análises distanciadas. Experimentar sensações, vivenciar os percursos, os desvios e os desafios que se formam a partir da configuração como um todo mostram-se fundamentais para compreender como o cotidiano se produz na via 13 de Junho.

Nesse sentido, o exercício desenvolvido neste artigo também contribui diretamente para a minha pesquisa de mestrado, que se encontra em desenvolvimento, com foco nas práticas espaciais e na maneira como o corpo é afetado pelos ritmos urbanos. As observações e reflexões aqui construídas fortalecem o percurso metodológico e ampliam a compreensão sobre o papel do corpo como ferramenta de leitura e interpretação do espaço.

Por fim, embora o estudo não esgote as possibilidades de análise sobre a Rua 13 de Junho, ele destaca a importância de observar o cotidiano a partir do movimento, evidenciando como pequenos gestos e ajustes corporais revelam a complexidade das dinâmicas urbanas. Investigações futuras podem aprofundar outros aspectos, como as dimensões afetivas, econômicas ou políticas que também atravessam o centro de Cuiabá.

REFERÊNCIAS

BÜSCHER, Monika; VELOSO, Leticia. **Métodos móveis**. Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 133-151, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142258>. Acesso em: jan. 2025.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **Elementos de ritmanálise: o tempo e o espaço na cidade**. 2. ed. Tradução de Sérgio A. G. de A. S. Martins. São Paulo: Editora 34, 2021.

MENDONÇA, Rubens de. Ruas de Cuiabá. Cuiabá: SEC-MT; Integrar; Defanti, 2012.

MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos**. Cuiabá: s.n., 1994.

PAIVA, Daniel. **Manual de métodos qualitativos em Geografia**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2023. ISBN 978-972-636-306-4.